

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS- CECH
CURSO DE PSICOLOGIA

MAYARA DA VERA CRUZ MACÊDO

“O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER?”: ESTEREÓTIPOS DE
GÊNERO E PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS DE CRIANÇAS

SÃO CARLOS - SP

2025

Mayara da Vera Cruz Macêdo

“O que você quer ser quando crescer?”: Estereótipos de gênero e perspectivas
profissionais de crianças

Trabalho apresentado como requisito para conclusão do
curso de Graduação em Psicologia da Universidade
Federal de São Carlos
Orientadora: Profa. Dra. Débora de Hollanda Souza

São Carlos - SP

2025

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que foram fonte de apoio para mim em algum momento desses 5 belos anos de graduação.

Primeiramente, a meus pais, que mesmo a 300 km de distância, sempre me passaram os sentimentos de amparo e de incentivo na busca pelos meus sonhos. Obrigada por me fazerem acreditar que não há nada que eu não possa fazer, e por estarem sempre torcendo por mim e possibilitando minhas aventuras.

A meus amigos, das mais diversas esferas sociais da experiência universitária que tive a possibilidade de explorar. Sou muito grata por compartilhar da vida com vocês. Obrigada por tornarem tudo mais leve e menos solitário, e por me apoiarem em voz alta, vibrando por meu sucesso como se fosse o de vocês.

A minha família de coração, meus amigos da minha cidade, que mesmo sem um contato constante, nunca pararam de ser sinônimo de casa para mim.

E, por fim, à minha orientadora e ao grupo de pesquisa ao qual pertenço, por me guiarem nessa jornada acadêmica, me inspirarem e me ensinarem tanto. Cresci imensamente com vocês, e agradeço a confiança em mim e as oportunidades que me foram oferecidas.

Resumo

Vários pesquisadores têm estudado os efeitos dos estereótipos de gênero no desenvolvimento das crianças e sua influência sobre as escolhas profissionais futuras delas, como o incentivo a meninos para serem engenheiros ou a meninas para serem professoras. A literatura tem demonstrado como os estereótipos de gênero tendem a exagerar percepções de habilidades e potenciais, principalmente em contextos educacionais e profissionais, mantendo e perpetuando assim as desigualdades sociais. O presente trabalho teve como objetivo principal contribuir nesta mesma direção ao testar uma possível correlação entre estereotipia de gênero e preferências de crianças de idade escolar por futuras profissões. Participaram da pesquisa 23 crianças do 1º e 3º anos do Ensino Fundamental I de escolas públicas de uma cidade no interior de São Paulo. Para medir o nível de estereotipia de gênero, a Escala *Preschool Occupations, Activities and Traits* (POAT) foi utilizada. Essa escala avalia o quão estereotípicos são os participantes por meio de perguntas que medem as atitudes da criança em relação a outras pessoas - AM (*Attitude Measure*) - e avaliam também uma medida pessoal - PM (*Personal Measure*) -, quanto à visão das crianças sobre si mesmas em relação aos estereótipos de gênero. Além disso, as crianças responderam a uma pergunta sobre suas futuras perspectivas profissionais (“O que você quer ser quando crescer?”). Os resultados indicaram que a maioria das crianças apresentou níveis moderados de estereotipia de gênero (52,2%). A análise de variância (ANOVA) revelou que não houve diferença significativa entre os dois grupos de idade. Os resultados indicaram também maior estereotipia de gênero na medida pessoal (PM) em comparação à medida de atitude (AM), com diferença estatisticamente significativa entre as subescalas. Ainda assim, das 18 crianças com alta estereotipia pessoal, apenas 6 escolheram profissões alinhadas ao seu gênero, sugerindo certa flexibilização desses estereótipos. Apesar das limitações práticas da pesquisa quanto ao número de participantes, esses dados sugerem a presença ainda influente de estereótipos de

gênero nas atitudes e expectativas de crianças, mesmo que haja mais flexibilidade quando elas respondem a questões abertas sobre possíveis escolhas profissionais futuras.

Palavras-chave: estereótipos de gênero, desenvolvimento infantil, perspectiva profissional

ABSTRACT

Several researchers have studied the effects of gender stereotypes on children's development and their influence on future career choices, such as encouraging boys to become engineers and girls to become teachers. The literature has shown how gender stereotypes tend to exaggerate perceptions of abilities and potential, particularly in educational and professional contexts, thereby contributing to unequal treatment and opportunities for men and women and perpetuating social inequalities. The primary objective of this study was to contribute to the discussion by investigating a potential correlation between gender stereotyping and school-aged children's preferences for their future jobs. The participants were 23 children from the 1st and 3rd grades of two public elementary schools in a city of São Paulo, Brazil. To measure gender stereotyping, the Preschool Occupations, Activities, and Traits (POAT) Scale was used. This instrument assesses how stereotypical participants are through two subscales: the Attitude Measure (AM), which assesses children's beliefs about what boys and girls can do, and the Personal Measure (PM), which assesses their self-perceptions concerning gender stereotypes. In addition, the children answered a question about their future career aspirations ("What do you want to be when you grow up?"). The results showed that most participants scored moderate levels of gender stereotyping (52.2%). An analysis of variance (ANOVA) revealed no significant differences between the two age groups. However, participants scored significantly higher on the personal measure (PM) compared to the attitude measure (AM), suggesting that although children may believe that boys and girls can

engage in a variety of activities, they still tend to choose gender-congruent options for themselves. Even so, among the 18 children who presented high scores on the PM subscale, only 6 of them chose jobs stereotypically associated with their gender, which may indicate a degree of flexibility in their internalized stereotypes. Despite practical limitations, such as the small and uneven sample size of this research, these findings suggest that gender stereotypes continue to influence children's attitudes and expectations. Nonetheless, when asked broadly about their career aspirations, children may demonstrate greater flexibility, therefore pointing out the importance of more gender-neutral and inclusive educational approaches.

Keywords: Gender stereotypes, child development, professional perspective

Sumário

Introdução	8
Justificativa	12
Objetivos	13
Método	14
Resultados	17
Discussão	21
Considerações Finais	23
Referências	25
Anexos	29

Introdução

O estudo de como as crianças compreendem e incorporam as noções sociais de gênero tem um espaço importante na ciência do desenvolvimento infantil. Conforme a criança cresce e começa a interagir mais ativamente com outras pessoas em diferentes ambientes, seus comportamentos passam a ser cada vez mais influenciados por estes contextos. Mais especificamente, a criança percebe categorias sociais relevantes, e começa a adotar comportamentos que são condizentes com algumas delas, como é o caso do gênero (Leaper & Bigler, 2011).

Diferentemente do que muitas pessoas pensam, as principais diferenças entre homens e mulheres não são determinadas pela biologia, mas sim pelas expectativas e papéis sociais. Estes, por sua vez, fazem com que o contexto modere a regulação de diferentes hormônios e exija diferentes comportamentos destes indivíduos (Eagly & Wood 2013). Em uma revisão sistemática, Leaper (2011) argumenta que, apesar de pesquisadores reportarem diferenças consistentes em certas áreas como a de comportamento agressivo (vantagem para os meninos) e a de habilidade verbal (vantagem para as meninas), há muito mais evidências de semelhanças entre os dois grupos ou da existência de padrões mistos.

Para compreender esse processo, é essencial distinguir os conceitos de sexo e gênero. Enquanto “sexo” refere-se a características biológicas estáveis que classificam os indivíduos como homem ou mulher, “gênero” diz respeito a um construto social, ou seja, às normas culturalmente construídas que determinam papéis, relações e posições de poder atribuídas a homens, mulheres e pessoas de outros gêneros ao longo da vida (King et al., 2021). Essa construção social é dinâmica e historicamente situada, influenciando diretamente o modo como indivíduos percebem a si mesmos e aos outros em diferentes esferas da vida social.

Nesse sentido, é válido pensar sobre a influência dos estereótipos de gênero, desde muito cedo, no desenvolvimento psicológico e social das crianças. Neste trabalho, a definição de estereótipos usada será a de Hamilton & Trolie (1986, p. 133; citado por Bigler & Liben, 2006), que os definem como uma “estrutura cognitiva que contém o conhecimento, as crenças e as

expectativas de um indivíduo sobre algum grupo humano”, nesse caso, sobre homens e mulheres. Esses estereótipos, portanto, não apenas têm um grande papel em como as crianças classificam e entendem o mundo, mas também em como compreendem a sua identidade, os grupos sociais a que pertencem, os seus privilégios e/ou os preconceitos que enfrentarão.

Nesse processo de construção social do gênero, os esquemas de gênero desempenham um papel central. Trata-se de representações mentais utilizadas para organizar informações sobre os sexos, funcionando como filtros na avaliação de quais objetos, comportamentos ou profissões são “para o seu gênero” e, portanto, “para si”, e quais não são (Dinella et al., 2014). Esses esquemas são únicos para cada indivíduo, sendo constantemente atualizados a partir das experiências e exposições ao ambiente social.

Joly e Martin (2013) lembram que, aos 3 anos, as crianças já se rotulam como meninas ou meninos e começam a procurar dicas do ambiente e a reproduzir comportamentos estereotípicos do seu gênero. No entanto, em um primeiro momento, ainda não categorizam o mundo por gênero de uma forma flexível, ou seja, ainda não percebem que características associadas a um sexo (como atividades, brinquedos, profissões, estilo do cabelo, roupa) não determinam se uma pessoa é do sexo feminino ou masculino.

Essa rigidez inicial é reforçada por influências parentais e sociais: pais, professores e colegas frequentemente reforçam comportamentos congruentes com o sexo da criança e desencorajam comportamentos considerados atípicos (Menezes & Brito, 2013). Além disso, estudos como o de Pomerleau et al. (1990) observaram que os pais planejam ambientes diferenciados para recém-nascidos com base no sexo da criança, oferecendo cores, objetos e estímulos distintos a meninos e meninas já a partir dos 5 meses de idade. Esses estímulos iniciais contribuem para a consolidação precoce de preferências e comportamentos estereotipados, atuando como mecanismos de socialização de gênero.

Brown (2017) cita um estudo de Verkuyten et al. (1997) com estudantes do Ensino Fundamental I (“Elementary School”) que, ao serem solicitados a fornecer exemplos de

preconceitos, reportam serem chamados de certos nomes pejorativos ou estigmatizantes. Estes resultados sugerem que a percepção da discriminação ocorre muito cedo, sendo esta apoiada principalmente pelos estereótipos de raça/etnia, gênero e sexualidade.

A importância do tema é amplamente reconhecida, uma vez que os estereótipos de gênero são considerados a base das desigualdades de gênero, sustentando discriminação e vieses que limitam o acesso equitativo a oportunidades (Burgess & Borgida, 1999). Esses estereótipos, quando internalizados desde a infância, têm consequências relevantes em nível individual e populacional, restringindo oportunidades educacionais, recreativas e profissionais para meninos e meninas, além de impactar negativamente sua saúde e bem-estar (Arthur et al., 2008). Estudos recentes também mostram que atitudes de gênero mais igualitárias estão associadas a melhores indicadores de saúde mental entre adolescentes de ambos os sexos, enquanto normas masculinas rígidas correlacionam-se com maior risco de suicídio entre meninos (King et al., 2020).

Com o decorrer do desenvolvimento, os estereótipos de gênero tendem a se tornar mais flexíveis, à medida que as crianças desenvolvem a capacidade cognitiva de integrar dicas sociais conflitantes. Tal avanço deve-se ao fato de que, mesmo que quase todas as crianças adquiram um conhecimento extenso sobre estereótipos de gênero nos anos escolares, elas se diferem bastante no tipo de compreensão que adotam (Bigler & Liben, 2006; Martin et al., 2002).

Um dos aspectos centrais na formação dessas preferências é a divisão sexual do trabalho, profundamente enraizada em estereótipos sociais. No senso comum, características como racionalidade e competitividade são associadas ao gênero masculino, enquanto compaixão e empatia são vistas como essencialmente femininas. Esses estereótipos moldam tanto as ocupações quanto os papéis sociais, com o trabalho doméstico, historicamente atribuído às mulheres, sendo desvalorizado e invisibilizado, em contraste com o trabalho produtivo, predominantemente masculino e reconhecido socialmente (Pessoa et al., 2021).

No Brasil, apesar da crescente presença feminina nas universidades, ainda se observa uma forte segregação ocupacional de gênero, com mulheres majoritariamente concentradas em cursos

relacionados ao cuidado e à educação, enquanto homens predominam em áreas como engenharia e tecnologia (Barreto, 2014). Essa divisão é reforçada por estereótipos sociais que associam determinadas habilidades a um gênero específico, afetando inclusive a autopercepção de competência e autoeficácia (González-Pérez et al., 2020).

Nesta mesma direção, Ellemers (2018) argumenta que os estereótipos se mostram mais maléficos do que benéficos ao se tentar identificar diferenças significativas entre indivíduos de dois grupos diferentes. Em especial, os estereótipos de gênero tendem a exagerar percepções de habilidades e potenciais, principalmente em contextos educacionais e profissionais, em que a realidade é simplificada ou até distorcida e as conclusões contribuem para diferenciação no tratamento e oportunidades para homens e mulheres, mantendo e perpetuando assim as desigualdades sociais. Por exemplo, no contexto educacional, os estereótipos de gênero levam estudantes do gênero feminino a serem subestimadas na área científica em comparação com seus pares do gênero masculino (Leslie et al., 2015). De forma semelhante, no próprio mercado de trabalho, os estereótipos de gênero influenciam não apenas a percepção do potencial de candidatas mulheres e homens, mas também a forma como esses indivíduos têm o seu trabalho avaliado (MacNell et al., 2014).

Apesar de inúmeros estudos importantes evidenciando o impacto negativo dos estereótipos de gênero em diferentes contextos sociais, sabemos menos sobre como crianças pequenas entendem as desigualdades (Brown & Anderson, 2019) ou sobre os efeitos dos estereótipos nas preferências profissionais de crianças (i.e., com quais profissões elas se identificam mais). Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo testar uma possível correlação entre estereotipia de gênero e a preferência por futuras profissões que endossam esses estereótipos.

Espera-se, portanto, que as crianças com escores mais elevados de estereotipia apresentem uma maior inclinação para seguir futuras profissões mais comumente associadas ao seu gênero. Por exemplo, meninas com escores mais altos de estereotipia apresentariam um interesse maior em profissões consideradas mais femininas (e.g., secretárias, educadoras, costureiras), enquanto

meninos com escores mais altos de estereotipia demonstrariam interesse maior por profissões mais associadas ao gênero masculino (e.g., engenheiros, pilotos, policiais). Assim, mesmo implicitamente, crianças em idade escolar já estariam reproduzindo os estereótipos de gênero vigentes.

Justificativa

Justifica-se, ainda, a importância desta pesquisa não apenas pela necessidade de um maior número de estudos com crianças brasileiras, principalmente com as de idade escolar, mas também devido à relevância da incessante luta para prevenir a perpetuação do preconceito ou discriminação por gênero e, por conseguinte, dos estereótipos que os alimentam.

Objetivos

- Explorar o nível de estereotipia de gênero de crianças do 1º e do 3º anos do Ensino Fundamental I, por meio da escala POAT;
- Investigar as perspectivas futuras profissionais/ qual profissão desejam seguir “quando crescerem”;
- Testar uma possível correlação entre essas duas medidas, ou seja, investigar se crianças com níveis mais altos de estereotipia escolhem profissões mais comumente associadas ao seu gênero.

Método

Participantes

Participaram da pesquisa 23 crianças do Ensino Fundamental I, sendo 17 do gênero feminino e 6 do masculino. Os participantes foram divididos entre o 1º ano (N = 10) e o 3º ano (N = 13), conforme o ano escolar frequentado. A média de idade do grupo foi de 7.39 anos ($DP = 0.99$). As crianças foram recrutadas em duas escolas públicas de uma cidade no interior do estado de São Paulo.

Local

As sessões foram realizadas em uma sala reservada no primeiro local e em uma biblioteca no segundo, ambientes indicados pelas Direções das Escolas para garantirem o mínimo de barulho possível durante a realização da coleta.

Instrumentos

Para a realização da pesquisa, foram utilizados os seguintes instrumentos:

1. Escala *Preschool Occupations, Activities and Traits Scale- POAT* (Liben & Bigler, 2002) que foi traduzida e adaptada para o português por Viviani (2017). Essa escala foi utilizada para avaliar quão estereotípicos são os participantes, ao avaliar se a percepção da criança referente aos estereótipos de gênero é condizente com a cultura na qual está inserida. Utilizou-se a versão “*Short*” da escala, que exclui a avaliação de traços estereotípicos.

Dessa forma, a escala foi dividida em duas partes: a AM (*Attitude Measure*) que mede as atitudes da criança em relação a outras pessoas (e.g., “Você acha que a profissão de florista pode ser exercida só por meninos, só por meninas, ou por ambos?”) e a PM (*Personal Measure*), que é uma medida pessoal (e.g., “Quanto você gostaria de se tornar um/uma florista?”).

Na categoria Ocupação da *Attitude Measure*, são apresentadas imagens de diferentes profissões/ocupações. Diante de cada imagem, a pesquisadora nomeia e descreve a profissão e pergunta: "Quem pode ser um/a X? Apenas meninos, apenas meninas, ou tanto meninos como meninas?". Na seção Atividades-AM, a estrutura da pergunta é a mesma, mas as imagens são de brinquedos ou brincadeiras. A codificação dos dados desta sub-escala fornece uma medida do quanto a criança acredita nos estereótipos de gênero, ou conhece os estereótipos da cultura na qual está inserida. Os escores variam de 0 a 1 para cada item. A pontuação se dá contabilizando todos os itens indicados como "só de menina" ou "só de menino" e dividindo esse número pelo total de itens classificados dessa forma. Quanto mais próximo a 1, mais estereotípica a criança é.

Já em relação às categorias da sub-escala PM (*Personal Measure*), a pesquisadora pergunta à criança o quanto ela gostaria de ter a profissão da imagem ou de brincar do jogo mostrado - se "gostaria muito", "gostaria mais ou menos", ou se "não gostaria". Para a codificação dessa sub-escala, o escore é calculado por meio da soma das pontuações atribuídas a itens masculinos ou femininos e dividido pelo total de cada tipo de item. A pontuação por item pode variar de 0 a 2 ("Nenhum pouco", "mais ou menos" ou "muito"). O escore final também varia de 0 a 2, sendo que quanto maior o escore nos itens condizentes com o gênero da criança, mais estereotípica ela é.

É importante destacar que a escala original (Liben & Bigler, 2002) foi desenvolvida para crianças nativas do inglês. Na língua inglesa, não existe a flexão de gênero nas palavras como no Brasil. Viviani (2017) traduziu a escala para o português brasileiro e adaptou a escala para evitar que os itens não tivessem um viés de gênero que influenciasse a resposta das crianças (ver Anexo I). Por exemplo, para o item "nurse", a escolha foi utilizar a expressão "profissional da enfermagem" para evitar que as crianças ficassem sob controle da flexão do gênero da palavra.

2. Preferências profissionais. A pesquisadora perguntou às crianças: "Qual profissão você quer ter quando crescer?" e "Por quê?", com o objetivo de investigar as preferências profissionais e as justificativas para tais escolhas. Todas as profissões elencadas pelos participantes foram apresentadas, posteriormente, a um grupo de jovens universitários que as classificaram utilizando a

seguinte escala: “profissão mais associada ao gênero feminino”, “profissão mais associada ao gênero masculino” ou “profissão neutra quanto ao gênero”, via *Google Forms*.

Procedimentos

A coleta de dados foi iniciada após a aprovação do projeto pelo ocorreu após o parecer positivo do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar (Anexo II). Após obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos pais/responsáveis, a pesquisadora combinou com as professoras das turmas participantes os dias e horários mais adequados para realizar a coleta. Em uma sessão individual com cada criança, foi aplicada a versão adaptada da escala POAT e, em seguida, a pesquisadora realizou a pergunta sobre a sua preferência profissional. As coletas foram feitas, portanto, em um único encontro com cada criança, com duração média aproximada de 15 minutos.

Resultados

Primeiramente, foi realizada uma análise descritiva dos dados brutos dos participantes da pesquisa. Em seguida, foi realizada uma ANOVA para testar possíveis efeitos de idade e gênero dos participantes em seus escores na escala POAT. Um teste de correlação de Spearman foi utilizado para testar a associação entre o nível de estereotipia e o tipo de escolha profissional indicada pelos participantes. As profissões foram classificadas a partir de um grupo de universitários (N=83) que responderam a um formulário do Google Forms sobre o quanto achavam cada profissão trazida pelas crianças - como médico, policial e maquiadora - estereotipicamente masculinas, femininas ou neutras.

Foram avaliadas 23 crianças do 1º e 3º anos do Ensino Fundamental I, sendo 17 meninas e 6 meninos. Utilizou-se a escala *POAT-Short* (Preschool Occupation, Activities and Traits) em suas subescalas AM (Attitude Measure), que avalia atitudes estereotipadas em relação a atividades e ocupações, e PM (Personal Measure), que avalia preferências pessoais das crianças também em relação a atividades e ocupações.

Tabela 1

Pontuações médias (desvio padrão) para ocupações e atividades da POAT-AM (medida de atitude) e POAT-PM (medida pessoal)

	AM		PM	
	Ocupações (0 a 1 pt)	Atividades (0 a 1 pt)	Ocupações (0 a 2 pts)	Atividades (0 a 2 pts)
Meninas	0.45 (0.28)	0.59 (0.29)	1.41 (0.4)	1.47 (0.32)
Meninos	0.5 (0.41)	0.55 (0.39)	1.53 (0.77)	1.3 (0.39)
Total	0.46 (0.31)	0.58 (0.31)	1.44 (0.5)	1.43 (0.34)

A Tabela 1 apresenta as médias e os desvios-padrão dos escores obtidos nos itens de ocupações e atividades das subescalas POAT-AM e POAT-PM, comparando meninos e meninas. Observa-se que os valores médios entre os gêneros são bastante próximos na subescala AM, o que indica que tanto meninos quanto meninas apresentaram uma percepção semelhante sobre quais ocupações e atividades são atribuídas a cada gênero, ambos situando-se em torno da faixa moderada de estereotipia.

Contudo, nota-se uma diferença sutil nos domínios avaliados: meninos pontuaram mais nas categorias de ocupações (AM = 0.50; PM = 1.53), enquanto meninas pontuaram mais nas categorias de atividades (AM = 0.59; PM = 1.47). Essa diferença pode sugerir que os meninos associam mais fortemente os papéis de trabalho ao gênero, enquanto as meninas tendem a associar mais atividades ou brincadeiras. Ainda assim, essas diferenças não foram estatisticamente significativas.

Tabela 2

Distribuição de frequência dos grupos estereotípicos (pouco estereotípico, estereotípico ou muito estereotípico), conforme subescala AM

	Pouco estereotípico	Estereotípico	Muito estereotípico
Meninas (N = 17)	4 (23.5%)	10 (58.8%)	3 (17.7%)
Meninos (N = 6)	2 (33.3%)	2 (33.3%)	2 (33.3%)
Total (N = 23)	6 (26.1%)	12 (52.2%)	5 (21.7%)

Ao analisar os escores dos participantes na escala de estereotipia de gênero, foi possível classificá-los em três níveis distintos. Dos 23 participantes, 6 crianças (26,1%) apresentaram baixa estereotipia (escore ≤ 0.33), 12 crianças (52,2%) foram classificadas como moderadamente estereotípicas (escore entre 0.34 e 0.66) e 5 (21,7%) demonstraram níveis elevados de estereotipia

(escore ≥ 0.67), conforme mensurado pela subescala AM da POAT-Short e apresentado na Tabela 2. Esses resultados indicam que a maioria das crianças apresentou atitudes moderadamente estereotipadas em relação a atividades e ocupações.

Tabela 3

Distribuição de frequência dos grupos estereotípicos (pouco estereotípico, estereotípico ou muito estereotípico), conforme subescala PM

	Pouco estereotípico	Estereotípico	Muito estereotípico
Meninas (N = 17)	2 (11.8%)	2 (11.8%)	13 (76.4%)
Meninos (N = 6)	0 (0.0%)	1 (16.7%)	5 (83.3%)
Total (N = 23)	2 (8.7%)	3 (13.0%)	18 (78.3%)

Já na subescala PM (Tabela 3), que avalia preferências pessoais, observou-se uma concentração mais acentuada de escores elevados: 18 crianças (78,3%) foram classificadas com alta estereotipia (escore > 1.4), 3 crianças (13%) com estereotipia moderada (escore entre 0.9 e 1.4) e apenas 2 crianças (8,7%) com estereotipia baixa (escore ≤ 0.9), o que sugere uma adesão maior aos papéis tradicionais de gênero quando as perguntas se referem às próprias escolhas das crianças. Esses pontos de corte foram definidos com base na metodologia adotada por Viviani et al. (2025), que utilizaram faixas semelhantes para categorizar os níveis de estereotipia de gênero em crianças.

Para comparar a distribuição dos níveis de estereotipia entre as duas subescalas, foi utilizado o teste do qui-quadrado, por se tratar de dados categóricos (baixa, moderada ou alta estereotipia). O resultado apontou uma diferença significativa entre AM e PM: $\chi^2(2) = 12.73$, $p = 0.001$, indicando que os participantes apresentaram níveis significativamente mais altos de estereotipia na subescala PM. Apesar da predominância de estereotipia elevada na medida pessoal, apenas 6 das 18 crianças com alta estereotipia na PM escolheram profissões consideradas condizentes com seu gênero, como

policial, jogador de futebol, maquiadora ou professora. As demais apresentaram respostas neutras ou contraestereotipadas.

Com o objetivo de investigar se a faixa etária das crianças influenciam suas pontuações em uma escala de estereotipia ocupacional (POAT-AM), relacionada às respostas sobre o que elas desejam ser quando crescerem, foi realizada uma ANOVA. Não foi encontrado efeito de idade no que diz respeito à estereotipia ($F(1, 21) = 0.397, p = 0.535$). Como a amostra não era representativa, não se pôde testar os efeitos de gênero.

Discussão

Os resultados desta pesquisa indicam que os participantes apresentaram diferentes níveis de estereotipia de gênero. De forma significativa, a subescala PM (medida pessoal), que investiga as preferências individuais das crianças, revelou níveis muito mais elevados de estereotipia em comparação à subescala AM (medida de atitude), que avalia o que as crianças acreditam que meninos e meninas podem fazer.

Esse resultado está em consonância com Bigler e Liben (2006) que destacam que as crianças, mesmo reconhecendo que meninos e meninas podem participar de diversas atividades (atitude), ainda tendem a escolher para si atividades mais alinhadas ao próprio gênero (preferência pessoal). No entanto, vale destacar que, mesmo com uma maioria de crianças classificadas com alta estereotipia na subescala PM, apenas 6 das 18 crianças desse grupo escolheram profissões condizentes com seu gênero. Esse dado pode sinalizar uma possível flexibilização dos estereótipos internalizados, ou ao menos, que eles não são os únicos fatores que influenciam as escolhas futuras.

Esse padrão também foi observado por Viviani et al. (2025) que mostraram que, quando o gênero não é explicitamente destacado em estímulos apresentados às crianças (como filmes animados neutros), suas preferências se baseiam mais em interesses pessoais. O mesmo pode ser dito da formulação da pergunta utilizada nesta pesquisa “O que você quer ser quando crescer?”, que, por ser neutra, pode ter permitido que as crianças expressassem desejos menos condicionados por normas de gênero. Um exemplo disso é o relato de uma menina que afirmou querer ser tanto bailarina quanto goleira, demonstrando interesses múltiplos que desafiam estereótipos tradicionais.

Outro ponto interessante diz respeito à comparação entre meninos e meninas nos domínios de ocupações e atividades. A análise das médias revelou que os meninos pontuaram mais nas ocupações em ambas as subescalas, enquanto as meninas apresentaram pontuação mais alta nas atividades. Ainda que essas diferenças não tenham sido estatisticamente significativas, elas podem sugerir que o conteúdo das perguntas (ocupação x atividade) ativa estereótipos diferentes conforme

o gênero da criança. Isso reforça a complexidade do processo de internalização dos estereótipos de gênero desde a infância.

Esses dados também podem ser interpretados à luz da Teoria dos Esquemas de Gênero (Martin & Halverson, 1981), que argumenta que as crianças desenvolvem representações cognitivas sobre o que é apropriado para cada gênero. Esses esquemas funcionam como filtros mentais - utilizados para julgar se uma atividade, objeto ou ocupação “é para mim” ou “não é para mim”, com base na adequação percebida ao seu gênero.

A partir desses achados, é possível reafirmar que a infância é um período crítico para a formação e possível transformação de atitudes relacionadas ao gênero. Como destacam King et al. (2021), identificar e prevenir a consolidação de estereótipos de gênero ainda na infância é essencial para promover mudanças sociais mais amplas. A promoção de atitudes equitativas nesse período pode ter efeitos duradouros ao longo da vida, contribuindo para a redução das desigualdades de gênero e para o bem-estar social de forma geral (State of Victoria, 2016; The Men’s Project & Flood, 2018).

Por fim, os resultados desta pesquisa reforçam o fato de que estratégias simples - como evitar direcionamentos implícitos e oferecer modelos variados de profissões e interesses em contextos educativos - podem contribuir para ampliar o repertório de escolhas e favorecer trajetórias menos limitadas por normas de gênero (Leaper & Bigler, 2018; Weisgram et al., 2014).

Considerações Finais

Esta pesquisa buscou investigar se há uma relação entre os níveis de estereotipia de gênero e as escolhas profissionais futuras feitas por crianças. Embora os resultados tenham confirmado a existência de altos níveis de estereotipia, especialmente na subescala que avalia preferências pessoais (PM), a hipótese principal de que crianças mais estereotípicas escolheriam profissões condizentes com seu gênero não foi confirmada.

Apenas 6 das 18 crianças com alto nível de estereotipia pessoal escolheram profissões alinhadas ao próprio gênero, o que sugere que os estereótipos, embora presentes, não são determinantes nas escolhas futuras dessas crianças. Isso pode ser um indicativo positivo de que os papéis de gênero estão se tornando mais flexíveis na infância, principalmente quando as perguntas e contextos são apresentados de forma neutra.

Os dados sugerem que intervenções pontuais e conscientes podem ser suficientes para promover mudanças reais. Estudos experimentais têm evidenciado a eficácia dessas abordagens, por exemplo Weisgram et al. (2014) que demonstraram que a introdução de modelos femininos bem-sucedidos em áreas STEM (ciência, tecnologia, engenharia e matemática) aumenta significativamente o interesse de meninas por essas carreiras, desafiando a ideia de que certas profissões são “naturais” para um gênero. Além disso, Bigler et al. (2001) mostraram que, quando categorias de gênero não eram destacadas em atividades escolares, as escolhas das crianças tornavam-se menos estereotipadas. Nesse sentido, ações como fazer perguntas abertas, evitar associar profissões diretamente ao gênero e apresentar modelos diversos de atuação para meninos e meninas têm se mostrado estratégias acessíveis e eficazes para reduzir a adesão a estereótipos desde cedo (Leaper & Bigler, 2018).

Entre as limitações da pesquisa, destacam-se o tamanho reduzido e não equilibrado da amostra (com predomínio de meninas), o que pode ter influenciado a representatividade dos achados. A coleta de dados enfrentou obstáculos significativos, especialmente em relação a trâmites burocráticos e questões de adesão. A não autorização institucional por parte da diretoria de ensino

comprometeu o cronograma inicial da pesquisa. Além disso, observou-se uma baixa taxa de devolução dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinados pelos responsáveis legais das crianças. Essa baixa adesão, ao que tudo indica, pode estar relacionada ao fato de que a temática central da pesquisa era a da influência dos estereótipos de gênero, que ainda desperta resistências e receios por parte de algumas famílias.

Tais desafios limitaram o número de participantes da pesquisa e evidenciam as barreiras sociais e institucionais ainda presentes quando se trata da discussão de gênero no contexto escolar. Diante disso, recomenda-se que futuras pesquisas, além de aumentar o número de participantes, também incluam crianças de diferentes contextos socioculturais, como escolas particulares ou de outras cidades, com o objetivo de investigar melhor uma possível influência de fatores como ambiente escolar e cultura na relação entre estereótipos de gênero e as escolhas profissionais das crianças. Ademais, estudos longitudinais ou que utilizem entrevistas e outras formas de escuta mais aprofundada podem ajudar a compreender o papel dos valores familiares nesse processo, contribuindo também para o desenvolvimento de práticas educativas mais equitativas em relação às questões de gênero.

Referências

- Arthur, A., Bigler, R. S., Liben, L. S., Gelman, S. A., & Ruble, D. N. (2008). Gender stereotyping and prejudice in young children: A developmental intergroup perspective. In S. R. Levy & M. Killen (Eds.), *Intergroup attitudes and relations in childhood through adulthood: An integrative developmental perspective* (pp. 66–86). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780195189742.003.0005>
- Barreto, A. (2014). A mulher no ensino superior: Distribuição e representatividade. *Cadernos do GEA*, 3(6), 5–52. Recuperado de https://flacso.org.br/files/2016/04/caderno_gea_n6_digitalfinal.pdf
- Brown, C.S. (2017). *Discrimination in Childhood and Adolescence: A Developmental Intergroup Approach* (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315208381>
- Brown, C. S., & Anderson, R. E. (2019). It's never too young to talk about race and gender. *Human Development*, 63(1), 1–3. <https://doi.org/10.1159/000501242>
- Bigler, R. S., Brown, C. S., & Markell, M. (2001). When groups are not created equal: Effects of group status on the formation of intergroup attitudes in children. *Child Development*, 72(4), 1151–1162. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00339>
- Bigler, R. S., & Liben, L. S. (2006). A developmental intergroup theory of social stereotypes and prejudice. In R. V. Kail (Ed.), *Advances in child development and behavior* (pp. 39–89). Elsevier Academic Press.
- Burgess, D., & Borgida, E. (1999). Who women are, who women should be: Descriptive and prescriptive gender stereotyping in sex discrimination. *Psychology, Public Policy, and Law*, 5(3), 665–692. <https://doi.org/10.1037/1076-8971.5.3.665>

- Dinella, L.M., Fulcher, M. & Weisgram, E.S. Sex-Typed Personality Traits and Gender Identity as Predictors of Young Adults' Career Interests. *Arch Sex Behav* 43, 493–504 (2014). <https://doi.org/10.1007/s10508-013-0234-6>
- Eagly, A. H., & Wood, W. (2013). The nature–nurture debates: 25 years of challenges in understanding the psychology of gender. *Perspectives on Psychological Science*, 8(3), 340–357. <https://doi.org/10.1177/1745691613484767>
- Ellemers, N. (2018). Gender stereotypes. *Annual review of psychology*, 69, 275-298.
- González-Pérez, S., Cabo, R., & Ibáñez, M. (2020). Girls in STEM: Is it a female role model thing? *SSRN Electronic Journal*. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3541939>
- Joly, M., & Martin, C. (2013). Eyes on “Gender: early socialization. Boys and girls - Two of a kind?”. *Encyclopedia on Early Childhood Development - Centre of Excellence for Early Childhood Development (CEECD)*. Disponible em: <https://www.child-encyclopedia.com/sites/default/files/gender-early-socialization-info.pdf>
- King, T. L., Scovelle, A. J., Meehl, A., Milner, A. J., & Priest, N. (2021). Gender stereotypes and biases in early childhood: A systematic review. *Australasian Journal of Early Childhood*, 46(2), 112-125. <https://doi.org/10.1177/1836939121999849>
- King, T. L., Shields, M., Sojo, V., Daraganova, G., Currier, D., O’Neil, A., King, K., & Milner, A. (2020). Expression of masculinity and associations with suicidality among adolescent males. *BMC Psychiatry*, 20(228), 1–10. doi:10.1186/s12888-020-2475-y
- Leeper, C. (2011). Research in developmental psychology on gender and relationships: Reflections on the past and looking into the future. *The British journal of developmental psychology*, 29(Pt 2), 347–356. <https://doi.org/10.1111/j.2044-835X.2011.02035.x>
- Leeper, C., & Bigler, R. S. (2011). Gender. In M. Underwood & L. H. Rosen (Eds.), *Social development: Relationships in Infancy, Childhood, and Adolescence* (pp. 289-315). New York: Guilford Press.

- Leaper, C., & Bigler, R. S. (2018). Societal causes and consequences of gender typing of children's toys. American Psychological Association.
- Leslie, Sarah-Jane & Cimpian, Andrei & Meyer, Meredith & Freeland, Edward. (2015). Expectations of Brilliance Underlie Gender Distributions Across Academic Disciplines. *Science*, 347, 262-5. [10.1126/science.1261375](https://doi.org/10.1126/science.1261375).
- Lima, F. I. A. de, Voig, A. E. G. T., Feijó, M. R., Camargo, M. L., & Cardoso, H. F. (2017). A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. *DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, 19(1), 33–50.
<https://doi.org/10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10818>
- Macnell, Lillian & Driscoll, Adam & Hunt, Andrea. (2014). What's in a Name: Exposing Gender Bias in Student Ratings of Teaching. *Innovative Higher Education*, 40, 291-303.
10.1007/s10755-014-9313-4.
- Martin, C. L., & Halverson, C. F. (1981). A schematic processing model of sex typing and stereotyping in children. *Child Development*, 52(4), 1119–1134.
<https://doi.org/10.2307/1129498>
- Martin, C. L., Ruble, D. N., & Szkrybalo, J. (2002). Cognitive theories of early gender development. *Psychological Bulletin*, 128, 903–933.
<http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.128.6.903>
- Menezes, A. B. de C., & Brito, R. C. S.. (2013). Diferenças de gênero na preferência de pares e brincadeiras de crianças. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 26(1), 193–201.
<https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000100021>
- Pessoa, M. F., Vaz, D. V., & Botassio, D. C. (2021). Viés de gênero na escolha profissional no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, 51, e08400. <https://doi.org/10.1590/198053148400>
- Pomerleau, A., Bolduc, D., Malcuit, G., & Cossette, L. (1990). Pink or blue: Environmental gender stereotypes in the first two years of life. *Sex Roles*, 22(5–6), 359–367.
<https://doi.org/10.1007/BF00288339>

Viviani, M. (2017). *Preferências das crianças por desenhos infantis e sua relação com os estereótipos de gênero*. Monografia. Curso de Graduação em Psicologia, UFSCar, São Carlos, SP.

Viviani, M., Messias, A. C., & de Hollanda Souza, D. (2025). The Role of Gender Stereotypes on Children's Preferences for Animated Short Films. *Trends in Psychology*.

<https://doi.org/10.1007/s43076-025-00451-1>

Weisgram, E. S., Fulcher, M., & Dinella, L. M. (2014). Pink gives girls permission: Exploring the roles of explicit gender labels and gender-typed colors on preschool children's toy preferences. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 35(5), 401-409.

Anexos

Anexo I – Escala POAT

POAT-AM

DATA:	NOME:	S#:
NASCIMENTO:	ESCOLA:	SEXO: F M
IDADE:	Liben & Bigler POAT AM (S) Outubro 2006	E:

Ocupação

Esse trabalho é _____, alguém que _____. Quem deve ser _____?		Apenas meninos	Apenas meninas	Meninos e meninas
1. Florista	Alguém que faz arranjos de flores e entrega para as pessoas.	1	1	0
2. Modelo	Alguém que coloca roupas da moda para outras pessoas verem através de desfiles e fotos.	1	1	0
3. Motorista de caminhão	Alguém que dirige um caminhão para fazer entrega à lojas ou pessoas.	1	1	0
4. Babá	Alguém que cuida dos filhos de outras pessoas quando os pais saem.	1	1	0
5. Jornalista	Alguém que dá notícias na TV, no rádio ou nos jornais e revistas.	1	1	0
6. Gari	Alguém que recolhe o lixo da casa ou do trabalho dos outros.	1	1	0

7. Capitão de navio	Alguém que comanda grandes barcos através do mar.	1	1	0
8. Chef de cozinha	Alguém que cozinha comida para os outros comerem num restaurante.	1	1	0
9. Estilista	Alguém que faz roupas para vender nas lojas e ajuda as pessoas a escolherem roupas bonitas.	1	1	0
10. Profissional da enfermagem	Alguém que ajuda os médicos a cuidar de pessoas doentes, com dores no corpo ou machucadas.	1	1	0
11. Fabricante de computador	Alguém que fabrica e conserta o computador dos outros.	1	1	0
12. Mecânico de carro	Alguém que conserta o carro das pessoas.	1	1	0
13. Profissional da confeitaria	Alguém que faz bolos, tortas e doces para vender aos outros.	1	1	0
14. Auxiliar de faxina	Alguém que limpa a casa ou local de trabalho dos outros.	1	1	0




Atividades

Quem deve brincar de _____?	Apenas meninos	Apenas meninas	Meninos e meninas
1. Vestir roupas de adultos ou fantasias	1	1	0
2. Tratores de brinquedo	1	1	0
3. Dinossauros	1	1	0

4. Bolas pula pula	1	1	0
5. Futebol	1	1	0
6. Bonecas de bebê	1	1	0
7. Forninho	1	1	0
8. Cozinha	1	1	0
9. Robôs	1	1	0
10. Aviões	1	1	0
11. Lego	1	1	0
12. Bercinho	1	1	0
13. Casinha de boneca	1	1	0
14. Ferramentas de construção (martelo, chave de fenda, alicate)	1	1	0




POAT-PM

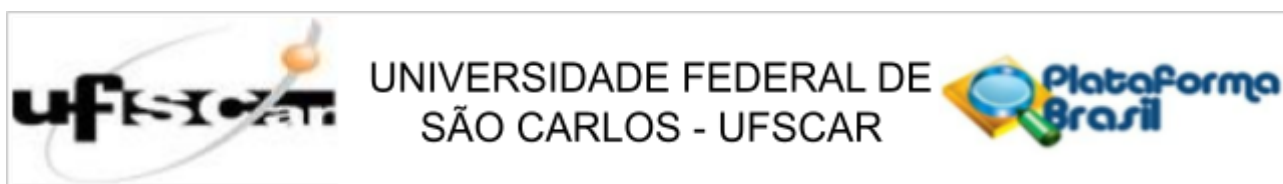
Ocupação

Esse trabalho é _____, alguém que _____.				
Quanto eu gostaria de ser um(a) _____?				
1. Professor	Alguém que dá aula e ensina as pessoas.	0	1	2
2. Chef de cozinha	Alguém que cozinha comida para os outros comerem num restaurante.	0	1	2

3. Profissional da dança.	Alguém que faz apresentações de dança para outras pessoas num palco.	0	1	2
4. Astronauta	Alguém que voa para o espaço em naves espaciais para aprender sobre planetas e estrelas.	0	1	2
5. Motorista de caminhão	Alguém que dirige um caminhão para fazer entrega a lojas ou pessoas.	0	1	2
6. Florista	Alguém que faz arranjos de flores e entrega para as pessoas.	0	1	2
7. Modelo	Alguém que coloca roupas da moda para outras pessoas verem em desfiles e fotos.	0	1	2
8. Profissional da confeitaria	Alguém que faz bolos, tortas e doces para vender aos outros.	0	1	2
9. Capitão de navio	Alguém que comanda grandes barcos através do mar.	0	1	2
10. Policial	Alguém que protege as pessoas e prendem aquelas que quebram as leis.	0	1	2
11. Dentista	Alguém que cuida dos dentes das pessoas.	0	1	2
12. Mecânico de carro	Alguém que conserta o carro das pessoas.	0	1	2
13. Profissional da enfermagem	Alguém que ajuda os médicos a cuidar de pessoas doentes, com dores no corpo ou machucadas.	0	1	2
14. Fabricante de joias	Alguém que faz e vende colares, brincos e pulseiras para outras pessoas.	0	1	2

Atividades

Quanto você gostaria de brincar _____?			
1. Vestir roupas de adultos ou fantasias	0	1	2
2. Tratores de brinquedo	0	1	2
3. Dinossauro	0	1	2
4. Pipas	0	1	2
5. Futebol	0	1	2
6. Bonecas de bebê	0	1	2
7. Maquiagem	0	1	2
8. Bolsinha	0	1	2
9. Robôs	0	1	2
10. Aviões	0	1	2
11. Lego	0	1	2
12. Bercinho	0	1	2
13. Casinha de boneca	0	1	2
14. Carrinho	0	1	2



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O que você quer ser quando crescer?: Estereótipos de gênero e perspectivas profissionais de crianças

Pesquisador: Débora de Hollanda Souza

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 81189424.6.0000.5504

Instituição Proponente: Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.025.019

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2243158, de 26/06/2024) e/ou do Projeto Detalhado (ProjetoDetalhadoMayaraMacedo, de 26/06/2024):

Resumo:

Vários pesquisadores têm estudado os efeitos dos papéis sociais de gênero no desenvolvimento das crianças e de suas escolhas futuras. O presente trabalho tem como objetivo principal contribuir nesta mesma direção ao investigar uma possível correlação entre estereotipia de gênero e preferências de crianças de idade escolar por futuras profissões. Participarão da pesquisa 48 crianças do 1º e 3º anos do Ensino Fundamental I de escolas públicas. Para medir o nível de estereotipia de gênero, a Escala Preschool Occupations, Activities and Traits (POAT) será utilizada. Além disso, as crianças responderão perguntas sobre suas futuras perspectivas profissionais. Serão também coletados dados sobre a ocupação atual dos pais. Uma análise de correlação Spearman será utilizada para testar a associação entre os escores de estereotipia de gênero e as preferências profissionais das crianças. As justificativas dos participantes para as preferências profissionais serão analisadas por meio de uma análise temática. O projeto almeja contribuir, portanto, para uma melhor compreensão do impacto dos

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

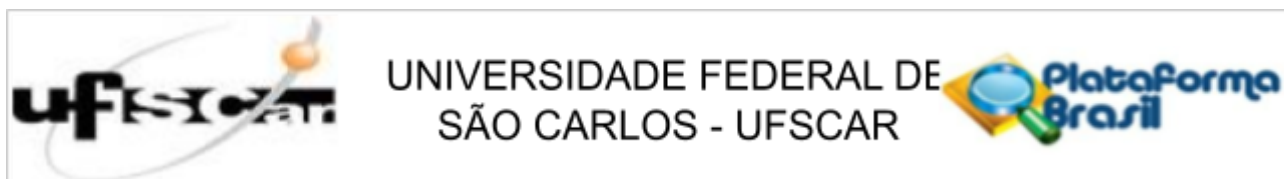
UF: SP

Telefone: (16)3351-9685

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 7.025.019

estereótipos de gênero nas escolhas profissionais das crianças em idade escolar.

Hipótese:

Espera-se, portanto, que as crianças que pontuarem mais na escala de estereotipia apresentem uma preferência em seguir futuras profissões mais comumente associadas ao seu gênero.

Metodologia Proposta:

Para a realização da pesquisa, serão utilizados os seguintes instrumentos: 1. Versão traduzida e adaptada da Escala Preschool Occupations, Activities and Traits Scale (Viviani, 2017), ou POAT. Essa escala será utilizada para avaliar quão estereotípicos são os participantes. A escala é dividida em duas partes: a AM (Atitude Measure) que mede as atitudes da criança em relação a outras pessoas (e.g., "Você acha que a profissão de florista pode ser exercida só por meninos, só por meninas, ou por ambos?") e a PM (Personal Measure) é uma medida pessoal (e.g., "Quanto você gostaria de se tornar um/uma florista?". Na categoria Ocupação - AM, são apresentadas imagens de diferentes profissões/ocupações. Diante de cada imagem, a pesquisadora nomeia e descreve a profissão e pergunta "Quem pode ser um/a X? Apenas meninos, apenas meninas, ou tanto meninos como meninas?". Na seção Atividades-AM, a estrutura da pergunta é a mesma, mas as imagens são de brinquedos ou brincadeiras. Já em relação às categorias da sub-escala PM, a pesquisadora pergunta à criança o quanto ela gostaria de ter a profissão da imagem ou de brincar do jogo mostrado - se "gostaria muito", "gostaria mais ou menos", ou se "não gostaria". 2. Preferências profissionais. A pesquisadora perguntará às crianças "Qual profissão você quer ter quando crescer", com o objetivo de investigar as preferências profissionais delas. Todas as profissões elencadas pelos participantes serão apresentadas, posteriormente, a um grupo de jovens universitários que deverão classificar as mesmas utilizando a seguinte escala: "profissão mais associada ao gênero feminino", "profissão mais associada ao gênero masculino" ou "profissão neutra quanto a gênero". 3. Questionário aos pais. Um formulário será encaminhado aos pais com o objetivo de investigar sua escolaridade, profissão atual e papel dentro de casa - de modo que tais dados sejam de ajuda para a interpretação das respostas das crianças participantes da pesquisa acerca de qual profissão desejam seguir quando "crescerem". Procedimentos: Em uma única sessão com a criança, após a entrega do TCLE assinado por um de seus responsáveis autorizando sua participação na pesquisa, será apresentado o Termo de Assentimento. Se a

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

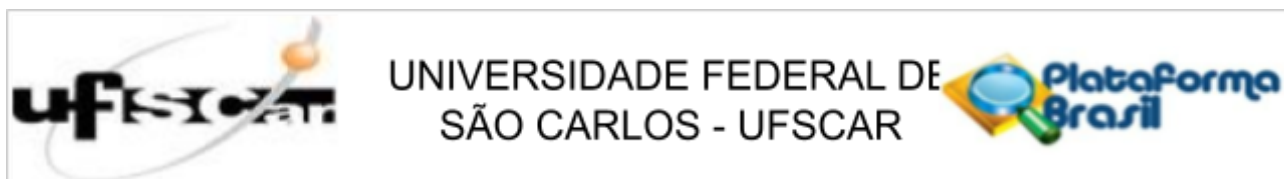
CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 7.025.019

criança concordar em participar, a Escala POAT será administrada. Em seguida, a pesquisadora fará a entrevista com a criança sobre escolhas profissionais. O questionário dos pais será enviado por email via Google Forms.

Critério de Inclusão:

Crianças de desenvolvimento típico, cursando o 1º ou o 3º ano do Ensino Fundamental, e que estudem em escolas públicas.

Critério de Exclusão:

Crianças com transtornos ou atrasos de desenvolvimento não serão recrutadas, já que a pesquisa pretende embasar suas conclusões em resultados já obtidos em estudos internacionais, realizados com crianças de desenvolvimento típico apenas.

Tamanho da Amostra no 48

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

A presente pesquisa tem como objetivo investigar se há uma correlação entre níveis de estereotipia de crianças do 1º e do 3º ano do Ensino Fundamental e suas preferências quanto a suas futuras profissões. Mais especificamente, pretende-se avaliar se o nível pontuado de estereotipia está relacionado com profissões mais ou menos comumente associadas ao gênero do participante.

Objetivo Secundário:

Um segundo objetivo é investigar se há diferenças na possível correlação do nível de estereotipia pontuado com as preferências profissionais entre dois grupos de idade do ensino básico: entre crianças do 1º ano e crianças do 3º ano.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos de natureza psicológica para seu(sua) filho(a) são: cansaço, inibição para participar do estudo ou, durante o procedimento, sentir-se entediado. Se a pesquisa ocasionar qualquer um desses incômodos, o procedimento será interrompido. Não haverá qualquer forma de prejuízo ou represália. Caso ocorra qualquer problema não previsto, a pesquisadora entrará em

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

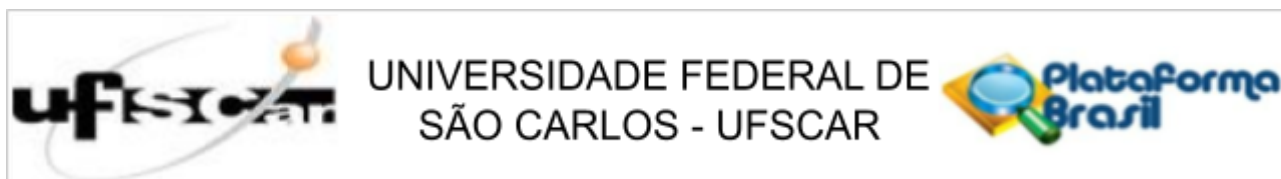
CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 7.025.019

contato com um profissional competente para melhor encaminhamento. A pesquisadora acompanhará toda a coleta de dados, estando presente a todo o momento.

Benefícios:

Não há nenhum benefício direto previsto para a participação na pesquisa, mas ela pode contribuir para a pesquisa sobre desenvolvimento infantil no país. Pais e mães de crianças que já participaram de pesquisas como esta relatam que ela representa uma oportunidade de aprender mais sobre seus filhos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa que deve seguir os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 510 de 2016 e suas complementares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Atender as orientações da Conep sobre PROCEDIMENTOS EM PESQUISAS COM QUALQUER ETAPA EM AMBIENTE VIRTUAL. Este documento pode ser acessado na página do CEP UFSCar: <http://www.propq.ufscar.br/etica/cep>

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências ou inadequações éticas que impeçam a condução da pesquisa.

A pesquisadora apresenta todos os termos de forma adequada e a carta de autorização da instituição na qual a pesquisa será conduzida.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. Conforme dispõe o Capítulo VI, Artigo 28, da Resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016, a responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

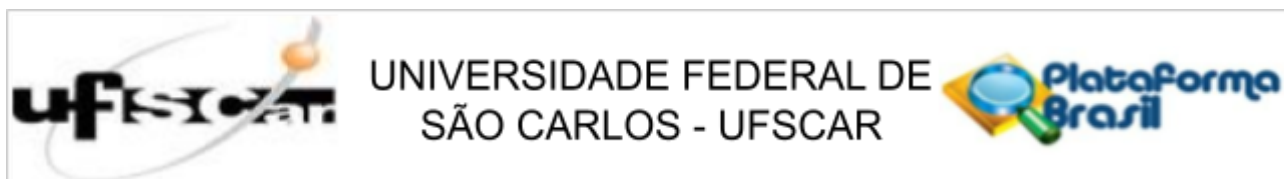
CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 7.025.019

arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_2243158.pdf	26/06/2024 08:33:16		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_MONO_Mayara.pdf	26/06/2024 08:32:58	MAYARA DA VERA CRUZ MACEDO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_MONO_Mayara.pdf	26/06/2024 08:32:47	MAYARA DA VERA CRUZ MACEDO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhadoMayaraMacedo.pdf	26/06/2024 08:31:53	MAYARA DA VERA CRUZ MACEDO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Parecer_Secretaria_Municipal_de_Educacao.pdf	21/06/2024 09:51:41	MAYARA DA VERA CRUZ MACEDO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_MONO_Mayara.docx	21/06/2024 09:49:48	MAYARA DA VERA CRUZ MACEDO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_MONO_Mayara.docx	21/06/2024 09:49:36	MAYARA DA VERA CRUZ MACEDO	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoCEPassinado.pdf	13/03/2024 20:44:33	MAYARA DA VERA CRUZ MACEDO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhadoMayaraMacedo.docx	13/03/2024 14:39:09	MAYARA DA VERA CRUZ MACEDO	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

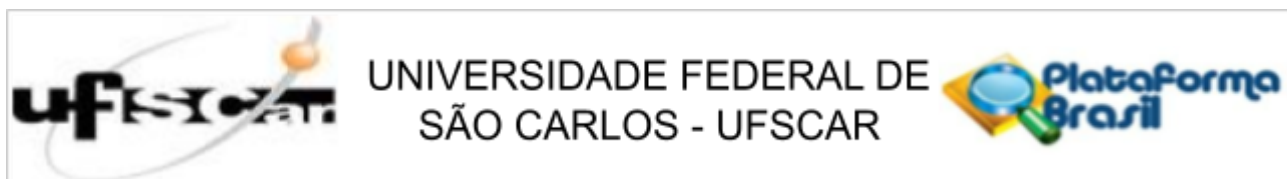
CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 7.025.019

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 22 de Agosto de 2024

**Assinado por:
Sonia Regina Zerbetto
(Coordenador(a))**

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br